

DIÁRIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E A CONSTRUÇÃO DA REFLEXIVIDADE DO PROFISSIONAL PROFESSOR

PEDAGOGICAL PRACTICAL DAILY AND THE CONSTRUCTION OF THE REFLECTIVITY OF PROFESSIONAL TEACHER

Deisi Sangoi Freitas¹
Catiane Mazocco Paniz²

¹ Universidade Federal de Santa Maria(UFSM)Professora do Departamento de Metodologia de Ensino, deisif@smail.ufsm.br

² Universidade Federal de Santa Maria(UFSM)/Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, catianemail@yahoo.com.br

Resumo: Estamos utilizando o Diário da Prática Pedagógica(DPP) no processo de formação de professores de Biologia da Universidade Federal de Santa Maria, procurando através de análises comparativas investigar sua utilização na prática docente. Esse instrumento serve entre outras coisas para que o professor registre seus planejamentos seguido de comentários sobre suas aulas, permitindo uma organização e reflexão mais orientada sobre o que desenvolve em situação prática. Acreditamos que, com o auxílio do DPP, os professores tornem-se investigadores da sua própria prática, críticos de seus próprios registros, buscando soluções adequadas à realidade na qual estiver inserido profissionalmente.

Palavras-chave: Formação Inicial, Reflexão da Prática Pedagógica, Diário da Prática Pedagógica

Abstract: We are using the Pedagogical Practical Daily (DPP) in the process of Biology's teacher formation of the UFSM, to looking for through comparative analyses, to investigate its use in the teacher's practical. This instrument serves, among others things, for that the teacher registers your planning, followed of commentaries on its lessons, allowing to an organization and guided reflection more on what it develops in practical situation. We believe that, the DPP can contribute for that the teachers become investigators of its proper practical, criticals of your registers searching adequate solutions to the reality in which they will be inserted professionally.

Keywords: Initial Formation, Practical Pedagogical, Daily of Pedagogical Practical.

INTRODUÇÃO

Devido às potencialidades que a investigação dos problemas da sala de aula parecem ter na formação de professores reflexivos, diferentes estratégias têm sido adotadas no sentido de promover essa reflexão. Partimos da hipótese de que o Diário da Prática Pedagógica(DPP) é um instrumento que pode auxiliar no desenvolvimento deste processo auxiliando o(a) professor(a) a repensar constantemente suas ações. Assim, ao nosso ver o DPP pode ser utilizado como uma dessas estratégias de promover a reflexão.

Esse instrumento possibilita acessar os registros de planejamentos, as implementações, reflexões e avaliações de aulas dos(as) professores (as) que o utilizam.

Nos referimos aqui ao registro sistemático dos conteúdos, número de aulas, dos acontecimentos diários, de aulas dadas, quais são e como são desenvolvidos os conteúdos, como são os alunos, o que o professor sente em relação a sua atuação etc. Esse instrumento, tem sido apontado por autores, como Zabalza(1994), Porlán e Martín(1997) como uma ferramenta que pode colaborar com os(as) professores(as) para reflexão da própria prática pedagógica, que poderá percebendo falhas buscar aperfeiçoar sua atuação profissional.

Levy,1997 afirma que estamos vivendo novos tempos e, conseqüentemente novas perspectivas em relação ao mercado de trabalho, com a globalização da economia, a mundialidade dos bens culturais e, sobretudo com o advento de novas tecnologias, a formação do professor não poderá mais ser pensada nos moldes tradicionais de ensino. Isto nos remete a uma necessidade urgente de um profissional reflexivo em relação a sua própria prática, de forma a buscar soluções para os problemas que a ele se colocam no ambiente escolar.

No entendimento de Zabalza (1994), a introdução de propostas reflexivas na ação didática, permite ao professor libertar-se das certezas e rotinas comportamentais e adquirir capacidades que lhe possibilitem adaptar à prática os conhecimentos resultantes da investigação na sala de aula.

A formação inicial de professores, bem como a continuada devem ser repensadas de maneira que esses profissionais se tornem cada vez mais conscientes da importância do seu trabalho para a sociedade atual, no sentido de auxiliar na formação de um indivíduo crítico e participante.

Como então contribuir com esta formação diferenciada, possibilitando a construção da reflexividade do profissional professor? Em outras palavras como auxiliar os(as) acadêmicos(as) na construção da professoralidade? De que forma o DPP pode contribuir para formar um profissional reflexivo? Estes questionamentos nortearam o trabalho que estamos a relatar.

A UTILIZAÇÃO DO DPP

Desde 2002 estamos utilizando este instrumento, denominado de Diário da Prática Pedagógica(DPP) no processo de formação inicial de professores de Biologia da Universidade Federal de Santa Maria(UFSM), procurando através de análises comparativas investigar sua utilização na prática docente. DPP é a denominação adotada na maioria dos trabalhos realizados junto ao Núcleo de Educação em Ciências(NEC), no sentido de unificar as referências a estes registros sistemáticos realizados pelos professores(as) sobre o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas. Existem na literatura da área outras denominações, como Diário do Professor (Porlán e Martín,1997), Diários de Aula (Zabalza,1994), conforme os diferentes autores considerados.

Esse instrumento serve entre outras indicações, para que o professor registre os seus planejamentos seguidos dos comentários sobre sua implementação em sala de aula,

permitindo uma organização e reflexão mais orientada e sistemática sobre o que se desenvolve em situação prática.

Partindo-se da hipótese que, nesta perspectiva, o Diário poderia auxiliar o processo de construção da reflexão sobre a prática dos(as) professores(as), começamos a utilizá-lo como instrumento de investigação da prática dos alunos/professores³ em turmas de prática de ensino.

APRENDENDO A USAR OS DIÁRIOS

Na primeira etapa da pesquisa analisamos os Diários dos alunos/professores, que estavam freqüentando a disciplina de Prática de Ensino em Ciências Biológicas I no segundo semestre de 2002. Nessa disciplina os alunos/professores realizaram uma vivência prática nas escolas, com duração de 15 horas-aula. Esse trabalho poderia ser: ministrar aulas de reforço, colaborar com a professora tutora⁴ no desenvolvimento de algum conteúdo, organizar o laboratório, implementar oficinas, etc.

Estes alunos/professores deveriam fazer uso do Diário da Prática Pedagógica(DPP) para registrar estas atividades e tinham como referência teórica o livro de Porlán e Martín (1997) que trata sobre o assunto. Na orientação dada aos acadêmicos(as) não foi sinalizado o que deveriam escrever, ou seja, poderiam escrever o que para eles fosse significativo durante o desenvolvimento do trabalho na escola. O que pretendíamos era mapear os diferentes focos escolhidos pelos(as) acadêmicos(as) em suas observações, isto é, “capturar seus olhares”.

Para Porlán e Martín(*op cit*) afirmam que o Diário é um guia para a reflexão da prática, favorecendo a tomada de consciência. Favorece o estabelecimento de conexões entre conhecimento prático e conhecimento disciplinar, o que permite uma tomada de decisões mais fundamentada. Facilita a possibilidade de se reconhecer problemas e de se assumir a realidade escolar.

Para Welfort (1983), outra autora que aborda a questão dos diários:

" O Diário torna-se importante instrumento de reflexão constante da prática do professor. Através dessa reflexão diária ele avalia e planeja sua prática. É também importante documento onde o vivido é registrado, com a colaboração dos alunos. Nesse sentido, o educador e educando, juntos repensam sua prática."(WELFORT, 1993 p.83)

Aqui temos uma concepção mais abrangente de diário, na qual os alunos participam de forma direta na sua elaboração, já que são chamados a refletir conjuntamente com o professor sobre a sua prática pedagógica.

No livro já citado, de Porlán e Martín (1997) são descritas as três principais correntes teóricas historicamente desenvolvidas sobre o ensino: a **tradicional**, onde o ensino se dá através da transmissão verbal de conteúdos sem necessária relação destes com a realidade; a **tecnológica**, na qual o ensino é causa direta e única da aprendizagem, isto é, tudo que é bem ensinado deve ser bem aprendido, a não ser que os alunos não possuam inteligência normal; e a **espontaneísta**, que basicamente nos diz que os alunos aprendem espontaneamente em contato com a realidade, que o mais importante é o aprendizado de procedimentos, destrezas e valores e que não é possível planejar e dirigir o ensino se o que se quer é atender o interesse dos alunos.

³ Acadêmicos de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Maria que estão realizando o seu Estágio Curricular Supervisionado.

⁴ professora oficialmente responsável pela turma e que recebe o aluno estagiário para atuar em sua (s) turma (as).

Os autores fazem várias considerações favoráveis e desfavoráveis sobre as três correntes, que indicam também três formas distintas de compreender como se dá a aprendizagem. Por fim Porlan e Martín(*op cit*) propõem uma quarta possibilidade teórica, a qual deve favorecer a uma certa racionalidade da prática educativa, convertendo-a em uma prática fundamentada e rigorosa, incorporando aportes procedentes de diversos campos do saber sem deixar de considerar os interesses, crenças, concepções e conhecimentos dos alunos.

Neste contexto, o Diário pode se tornar um instrumento importante dos alunos/professores, bem como dos(as) professores(as) em exercício na investigação da prática, no sentido de proporcionar a percepção sobre que concepções de ensinar e de aprender são dominantes em sua prática. Para fazer este movimento, no entanto, este professor necessita de uma formação que lhe permita identificar as características das diferentes escolas teóricas e/ou o suporte de um grupo de trabalho que propicie a construção desses conhecimentos.

O(a) professor(a), ao nosso ver, é um mediador entre teorias e práticas educativas. As características do seu trabalho conferem a ele um papel de transformador e formador de opiniões. Se o(a) professor(a) tiver clareza das características do contexto onde desenvolve suas atividades, das suas concepções e aportes teóricos que considera significativos, poderá com mais eficácia planejar e avaliar sua intervenção no ensino. Desse ponto de vista, com a ajuda do DPP o professor poderá identificar problemas, formular hipóteses e experimentá-las, avaliando e melhorando seu trabalho.

OS PRIMEIROS RESULTADOS

Nos primeiros Diários analisados, num total de 38, observamos que: **a)** os alunos/professores não o Diário como instrumento que permite identificar suas concepções e aportes teóricos sobre educação; **b)** a maioria deles não fizeram citações significativas sobre escola, professor(a)/tutor(a) e alunos (as); **c)** não fizeram reflexões sobre o trabalho desenvolvido, **d)** não falaram sobre suas percepções em relação aos(as) alunos (as). Os relatos eram apenas sobre os conteúdos desenvolvidos e planejamentos realizados. Nesta primeira experiência o que foi possível perceber através do uso dos Diários foram os medos em estar frente a uma turma de alunos(as), o medo de não conseguirem realizar seu trabalho, isto é, de não conseguirem desempenhar seu papel de professores. Como é possível perceber nas citações a seguir: ...”*fiquei apavorada com todos aqueles olhinhos me olhando*”; “*fiquei com muito medo, imaginando o que os alunos e as professoras iriam pensar de mim*”. Estes sentimentos são perfeitamente compreensíveis já que os registros diziam respeito aos primeiros contatos dos alunos/professores com a regência propriamente dita. Na verdade, não estava claro para eles que “papel” era este que deveriam desempenhar, ou se queriam identificar-se com ele.

Por outro lado, a falta de intimidade em trabalhar com os DPP, a falta de clareza no que diz respeito as possibilidades de uso do DPP e a preocupação em agradar a professora orientadora de estágio prejudicou a qualidade dos registros nos Diários, que em geral se limitaram a descrições sobre o desenvolvimento do trabalho. Por outro lado, houve certa resistência em fazer uso do Diário, já que tal atividade demanda tempo e disciplina, além da escrita não ser uma tarefa fácil.

Nesse sentido, o uso do DPP pode contribuir de certa forma para iniciar os(as) acadêmicos(as) na atividade de escrever sobre si, sobre suas aulas, seus sentimentos e percepções sobre a escola.

A respeito da riqueza de informações Porlán e Martín(1997), afirmam os registros se tornarão mais ricos a medida que forem realmente “incorporados” ao fazer pedagógico do professor.

Zabalza(1994) afirma que:

"Na narração que o diário oferece, os professores reconstruem a sua ação, explicitam simultaneamente (umas vezes com maior clareza que outras) o que são suas ações e qual é a razão e o sentido que atribuem a tais ações." (ZABALZA,1994 p30)

Acreditamos que, mesmo os Diários não apresentando citações muito significativas ou sendo utilizados de forma incipiente, nesse primeiro momento, eles contribuíram para que os alunos/professores tivessem uma primeira vivência com a utilização deste recurso, e que, na medida em que forem fazendo uso dele, poderão avançar em suas habilidades sobre a forma de uso e significado deste instrumento, bem como nos conhecimentos sobre sua prática pedagógica.

SEGUNDA ETAPA DO TRABALHO COM OS DIÁRIOS

Na segunda etapa do trabalho com os Diários no 1º e 2º semestres de 2003 continuamos a trabalhar com os(as) mesmos(as) acadêmicos(as), que agora estavam realizando concomitantemente estágios de regência no Ensino Médio e no Ensino Fundamental.

Nossa análise dos Diários desta vez demonstrou uma maior familiaridade dos alunos/professores em usá-lo.

Os alunos/professores que perceberam durante o processo de estágio que o DPP poderia os auxiliar na sua construção profissional e que aceitaram o desafio de escrever o Diário avançaram em suas reflexões sobre seus trabalhos. Relataram com mais detalhes o que acontecia durante as aulas, explicitaram melhor como desenvolveram os conteúdos deixando transparecer suas percepções sobre eles. Apontaram pontos positivos e negativos sobre seus planejamentos, tentando identificar o que funcionou, o que não funcionou e as explicações que tinham para isto, caracterizando então um movimento de reflexão sobre a própria prática.

É importante salientar que nesse segundo momento houve um acompanhamento maior em relação aos diários. Aconteceram encontros quinzenais com a professora orientadora, onde os diários eram lidos pela orientadora juntamente com os alunos/professores. Nesse movimento a orientadora ressaltava, questionava e sinalizava aspectos do DPP para que os alunos/professores refletissem. Como podemos perceber a seguir nas citações de Diários:

“ A maioria dos alunos não estava nem aí para a revisão. Então eu dividi a sala em duas partes, quem queria ouvir q quem não queria, aí eu revisei”.(Aluno A)

Sobre esse fato então a professora orientadora questionou ao aluno: *E então, o que você achou da experiência?*

Num outro exemplo:

“No final da aula, reserva-se este espaço para quem ainda não terminou a tarefa e para aqueles que ainda não esclareceram suas dúvidas e para que sejam feitos os comentários finais”.(Aluno B)

Professora Orientadora: *E aí, como foi? Funcionou? Eles gostaram?*

Isso, ao nosso ver contribuiu para o avanço no processo de reflexão. No entanto, para outros(as) alunos(as)/professores(as) as mudanças foram quase nulas, pois não identificaram o DPP como um instrumento que pudesse auxiliá-los na melhora do seu trabalho. Pode ser que com mais tempo esses(as) alunos(as)/professores(as) viessem a compreender a importância de refletir sobre seu fazer docente, pois a reflexão profissional, a reflexão crítica essencial para que ocorra uma transformação é difícil, se não dizer quase impossível se não tivermos tempo para ela.

TIPOS DE DIÁRIOS

Ao nosso ver o fato dos alunos/professores começarem a refletir sobre sua prática de forma organizada e sistemática foi um grande avanço, pois a reflexão como dimensão constitutiva do Diário é um aspecto muito importante. Ela projeta-se nos diários em duas vertentes complementares que, segundo a terminologia de Jakobson (1975), poderíamos denominar vertente referencial (a) e vertente expressiva (b):

a- referencial - uma reflexão sobre o objeto narrado: o processo de planificação, a condução da aula, as características dos alunos, etc... Nos diários são frequentes as descrições sobre as características dos alunos, sobre os aspectos objetivos da condução das aulas, etc..

b- expressiva - uma reflexão sobre si próprio, sobre o narrador (uns fazem-na considerando o eu como ator, por conseguinte, como protagonista dos fatos descritos, e outros fazem-na enquanto pessoa e, por conseguinte, capazes de sentir e sentir-se, de expor emoções, desejos, intenções, etc..

Nos primeiros registros dos (das) acadêmicos(as), observamos uma frequência maior do tipo descrito no item **b**, pois relatam muito mais sobre eles mesmos, seus medos, desejos e emoções, posteriormente aparecem características da vertente referencial(**a**).

Segundo Zabalza (1994), o próprio fato do diário exigir uma atividade de escrita traz consigo o fato da reflexão ser condição inerente e necessária ao seu uso. Esta reflexão, ao nosso ver, se dá em níveis diferentes quando se trata de registros iniciais e em etapas posteriores de uso.

Bereiter (1980) citado por Zabalza (1994), salienta que a escrita desencadeia uma função epistêmica em que as representações do conhecimento humano se modificam e reconstróem no processo de serem recuperadas por escrito.

Se considerarmos a classificação de Zabalza (1994), podemos destacar três tipos de diários:

1)- Diário como organizador estrutural da aula: são os diários que se apresentam como mera especificação do horário ou da organização e seqüência das atividades que vão realizar na aula. Aquilo que o professor faz é especificar antecipadamente ou a *posteriori* o que pensa fazer ou o que fez na aula.

Do ponto de vista do diário como instrumento, este tipo é pouco interessante e fornece pouca riqueza de informações.

Possivelmente responde à concepção do diário como requisito exigido formalmente aos professores, de ter uma programação de aula.

Dos diários analisados, apenas 1% pertence a primeira classificação (1) citada por Zabalza.

2)- O Diário como descrição de tarefas: são os diários em que o foco principal de atenção se centra nas tarefas que professores e alunos realizam em sala de aula. Uns apresentam- descrevem as tarefas de uma forma minuciosa, enquanto que outros simplesmente as identificam. Por vez, a narração inclui elementos do discurso do professor subjacente às tarefas (porque as fazem, o que é que se pretende com elas). A esta classificação pertencem 99% dos diários analisados por nós na Segunda etapa do trabalho. Os alunos/professores descrevem sobretudo as tarefas que planejam e como foram realizadas.

3)- O Diário como expressão das características dos alunos e dos próprios professores (diários expressivos e auto expressivos): são os diários que centram a sua atenção nos sujeitos que participam no processo didático. São muito descritivos a respeito das características dos alunos, (o diário refere constantemente o nome de alunos, o que fazem, como vão progredindo, como o professor os vê), inclui com frequência referências ao próprio professor, como se sente, como atua, etc.. O fator pessoal, predomina sobre o fator tarefa.

Podemos observar que dos 38 Diários analisados nenhum se encaixa perfeitamente nesta categoria. Um dos Diários pode ser considerado misto, ou seja, que apresenta as características dos tipos 2 e 3, prevalecendo a do tipo 2.

Existem nas narrações algumas expressões dos alunos e do próprio professor, mas são poucas. São diários bastante descritivos e algumas vezes se referem ao nome dos alunos, o que fazem, etc.

Zabalza (1994), ainda esclarece que não podemos falar em bons ou maus diários. Podemos dizer que alguns nos oferecem um maior nível de informações, reflexões, concepções, enquanto outros oferecem um menor nível de informações.

O que apareceu como preocupação constante nos diários que analisamos é a dificuldade em “dominar” os alunos, fazer com que prestem atenção e participem das aulas.

Outro aspecto observado foi quanto à dificuldade de manter uma relação de afeto com os alunos e ao mesmo tempo de se colocar como autoridade diante deles.

Segundo Zabalza (1994), muitas vezes aumentar a afetividade, implica na diminuição da ordem. Aumentar a ordem, pode implicar na diminuição ou ruptura das relações com os alunos.

No entanto, temos que considerar a inexperiência dos acadêmicos(as). Para eles, muitas vezes “não ser tradicional” é ser permissivo com seus alunos e isso os confunde, dificultando seu trabalho em sala de aula no que diz respeito ao papel de professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que, com o auxílio do Diário os alunos/professores e também professores em exercício podem sistematizar o que acontece na sala de aula, escrever e a seguir analisar com calma, refletindo o que foi feito e o que pode ser modificado.

A análise posterior destes documentos escritos serve de base para o diálogo entre o aluno/ professor e o seu supervisor/orientador de estágio. Assim, ocorre o movimento que é de termos acesso ao universo particular de cada aluno/professor no que diz respeito a suas crenças e concepções. Isto nos possibilita problematizar essas crenças e concepções de forma a torná-las explícitas. Dessa maneira, podemos intervir junto aos alunos/professores para que eles percebam essas crenças e concepções e possam vir a trabalhá-las.

Nas palavras de Zabalza(1997):

“ o diário permite penetrar na perspectiva particular dos professores. Cada diário refere-nos um tipo de realidades distintas e refere-se de maneira diferente. Através dos diários pode-se extrair a “alma” do pensamento dos professores sobre suas aulas.”(ZABALZA, 1994 p)

Porlán e Martín (1997) nos dizem que através dos Diários o professor auto-explora sua atuação profissional, auto-proporciona-se um feedback e estímulos de melhora.

Assim, através dos diários os professores podem construir seu discurso sobre a ação concreta que ele próprio desenvolve nas aulas.

Os professores se tornam investigadores de si próprios e do seu trabalho, tornando-se profissionais mais autônomos e mais comprometidos com o processo pedagógico.

Da mesma forma acreditamos que o contato com este instrumento já e especialmente na formação inicial poderá contribuir na construção de um profissional mais comprometido com o seu fazer pedagógico e como observamos no desenvolvimento deste trabalho com alunos de prática de ensino, este é um processo de aprendizado que requer um grande investimento dos professores formadores e dos cursos de formação no que diz respeito a oferecer uma estrutura que permita um acompanhamento mais individual aos alunos/professores.

Outro aspecto importante a ser considerado é a possibilidade de compartilhar os registros nos DPP em aula com os demais colegas, já que se faz necessário que haja uma discussão sobre os registros feitos pelos acadêmicos(as), pois desta maneira poderão avançar em suas reflexões.

Esta discussão sobre os diários ocorre, no nosso caso, de duas maneiras. Uma nas observações quinzenais feitas pela professora supervisora/orientadora de forma individual, quando faz-se uma leitura comentada do Diário; e outra semanalmente, de forma coletiva, quando são destacados aspectos que se repetem em diferentes diários ou que representam casos únicos, que permitam problematizações e avanços do grupo na compreensão do processo de construção das diferentes professoralidades.

Também, é importante registrar que na socialização dos registros dos Diários os(as) alunos/professores(as) compartilham dúvidas e dificuldades, o que resulta num sentimento de grupo, “de não estar sozinho”, que auxilia o enfrentamento do processo de Estágio Curricular Supervisionado, ao mesmo tempo que possibilita a troca de experiências relativas ao desenvolvimento de dinâmicas de aula, cujos resultados foram positivos e/ou negativos e a busca da compreensão das possíveis explicações, caracterizando o movimento de reflexividade que desejamos na formação do profissional professor.

Por fim, acreditamos que a utilização do DPP pode vir a contribuir para que os professores se transformem em investigadores de suas próprias práticas, inicialmente como narradores, mas posteriormente como críticos dos seus próprios registros, buscando soluções mais adequadas à realidade na qual estiverem inseridos profissionalmente.

BIBLIOGRAFIA

WELFORT, Madalena Freire. **A paixão de conhecer o mundo:** relato de uma professora. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PORLÁN, Rafael; MARTÍN, José. **El Diário del professor:** um recurso para la investigación en la aula. 4ªed. Sevilla: Díada, 1997.

ZABALZA, Miguel Ángel. **Diários de aula**: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Portugal: Porto. 1994.

ECKERT, Hoff ; B.M. **O dizer da prática na formação do professor**. Chapecó, SC: Argos, 2002.

JAKOBSON, R. **Ensayos de Linguística Aplicada**. Barcelona: Seix Barral, 1975.